

# As várias faces da violência simbólica em uma escola da cidade de Joinville: Um olhar da psicologia

*The various faces of symbolic violence in a school in the city of  
Joinville: A look at psychology*

**Alysson Pereira**

**Emanuely Zelir Pereira da Silva**

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo identificar a violência simbólica nas escolas de ensino médio da cidade de Joinville e o estado da saúde mental dos jovens. Através de um questionário aplicado com 55 estudantes, dentro de cinco turmas vigentes no ano, todas no terceiro ano do ensino médio, dentro de uma escola pública da cidade de Joinville, foi possível identificar as várias faces que essa violência pode ter, e como ela tem sido praticada dentro do espaço escolar. Também se observou como está a saúde mental desse grupo e como o ambiente escolar pode estar interligado a isso. Conclui-se, que se ocorra várias práticas de violência dentro das escolas de Joinville, onde muitas vezes o pedido de ajuda dos jovens é abafado e não ouvido, e por demais vezes nem é mesmo vista como uma violência, assim, se normalizando algumas práticas prejudiciais a eles. Ademais, é observado uma fragilidade na saúde mental dos mesmos, apresentando vários sinais de adoecimento até mesmo situações envolvendo automutilações e ideações suicidas.

**Palavras-chave:** Violência Simbólica, Ensino médio, adolescentes, saúde mental.

**Abstract:** This article aimed to identify symbolic violence in secondary education in the city of Joinville and the state of mental health of young people. Through a questionnaire applied to 55 students, in the five current classes of the year, all in the third year or in high school, inside a public school in the city of Joinville, it is possible to identify the different faces that this violence can have, and how it is over there. has been practiced in the school space. It was also observed how the mental health of this group and how the school environment can be linked to it. It is concluded that he assumes several practices of violence within Joinville schools, where two young people are often asked for help and not heard, and at other times they are not seen as violence,

and some practices are even standardized for them. In addition, I have observed a weakness in the mental health of the same two, with different symptoms of illness in the same situations involving self-mutilation and suicidal ideation.

**Keywords:** Symbolic Violence, High School, Adolescents, Mental Health.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade onde a violência tem tomado conta de diversos espaços e lugares, de modo a criar um sentimento de insegurança e medo nas pessoas. Porém essa violência não pode ser vista e caracterizada somente quando a mesma apresenta atos físicos, mas também devemos ver quando esse prejuízo se apresenta no psicoemocional das pessoas, quando a mesma não entra no campo físico, ela foi nomeada por Pierre Bourdieu (2003), como Violência simbólica. As práticas de violências simbólicas são encontradas em todos os espaços, assim como a violência física, incluindo dentro das nossas escolas. Essa prática de violência, pode ocasionar danos sérios à saúde mental da vítima, prejudicando sua segurança, autoestima, confiança e relações sociais. Esse adoecimento mental acompanhado de ideias suicidas, depressão, automutilação, exclusão e tantas outras formas expostas, vem sendo cada vez mais evidente entre os adolescentes.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, nos apresenta o conceito de violência simbólica, onde assim ele define que esse método de violência se caracteriza como uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”(BOURDIEU, 2012, p. 7-8), ou seja essa violência muitas vezes é sofrida sem com que aquele que foi violado, entenda que está sofrendo esse ato, até que seja tarde demais e os sinais começam a aparecer.

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) realizado no ano de 2015, apresenta que um a cada dez estudantes brasileiro é vítima de

bullying (BRASIL). Numa pesquisa feita pela Microcamp, 46,4% dos estudantes entrevistados já tinham sofrido algum tipo de assédio sexual nas escolas, porém 58,9% dos assediados afirmam que “não ligaram e agiram normalmente”. (O POPULAR, 2017). Segundo a OMS, suicídio é a segunda maior causa de morte no público jovem entre 15 a 29 anos.(OPAS, 2019). Esses, são alguns dos dados que nos apontam situações preocupantes sobre o bem estar e a saúde mental dos jovens do nosso país, e nos mostra a importância de se olhar para esse público e começar a entender o que estão vivendo nesse espaço e como a sociedade, a família, e a escola podem amparar os mesmos.

Quando pensamos numa visão mais macro, ou seja, num olhar nacional, é possível encontrar alguns dados e pesquisas realizadas por grandes organizações e instituições acerca de saúde mental e práticas escolares como o bullying e o assédio. Porém, quando afunilamos a pesquisa e tentamos verificar dados de modo mais micro, municipal ou regional, encontramos bastante dificuldade e falta de informações até mesmo pelos órgãos públicos que deveriam estar controlando essas informações. Durante a pesquisa nas bases de dados *scielo* e google acadêmico não se obteve resultado em buscas sobre as temáticas pesquisadas, em âmbito municipal, até mesmo nos sites governamentais municipais não foram encontrados dados relevantes sobre a temática pesquisada. No caso da cidade de Joinville, não foi encontrado, por exemplo, qualquer estudo que apontasse índices sobre a violência simbólica em seu campo escolar e também não foram encontrados estudos sobre o adoecimento dos estudantes da cidade.

O tema foi escolhido por se entender como um tema relevante no processo de formação do acadêmico, tendo em vista as várias discussões acerca do assunto durante o processo formativo, durante as aulas de Psicologia Escolar e Educacional, e as matérias de licenciatura. Busca pela integração das discussões sobre o adoecimento mental dos jovens e as violências simbólicas que ocorrem no seu processo de formação escolar, tendo como objetivo, disponibilizar a pesquisa para futuras consultas sobre o assunto e defender a sua tese para sua formação em psicologia diante da banca examinadora.

Por fim, podemos inteirar que a pesquisa apresentada teve como objetivo identificar a violência simbólica na escola de ensino médio da cidade de Joinville e o estado da saúde mental dos jovens que a frequentam. Através da pesquisa realizada, foi possibilitado entender qual o perfil dos estudantes que estão dentro desse espaço, quais as várias faces dessa violência estabelecida dentro da escola e como está a saúde mental desses estudantes.

## MÉTODOS

A pesquisa foi realizada de caráter exploratório, com uma abordagem quati-qualitativa, almejando buscar através dos dados coletados entender e analisar a situação proposta pela problemática. Segundo Gil (2002, p. 41), as pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Ou seja, a pesquisa teve como objetivo através do método de levantamento de dados identificar as várias práticas de violência vividas pelos estudantes dentro do ambiente escolar e observar como está a situação da saúde mental destes.

Foram convidados a participar da pesquisa os estudantes do terceiro ano do ensino médio, devido a estarem finalizando a sua trajetória na educação de obrigatoriedade. Diante do cenário de pandemia em que se foi vivenciado nesse momento de coleta, a situação estava mais “controlada” podendo assim ter sido realizado de forma presencial, seguindo todos os protocolos de saúde estabelecidos. Após uma apresentação da pesquisa, explicando seus objetivos e como a mesma iria ocorrer, foi então utilizado um questionário para ser feito a coleta de dados.

O instrumento escolhido para coleta de dados foi um questionário dividido em três etapas. A primeira era composta de questões sociodemográficas para conhecer o grupo a ser pesquisado, e suas características. A segunda parte buscava entender que tipos de violência simbólica os pesquisados entendem que sofreram ou até mesmo já praticaram

no âmbito escolar. Por fim, a terceira, tem como intenção observar os tipos de adoecimentos mental que tem aparecido nos estudantes da cidade, tentando entender se de alguma forma as violências sofridas poderiam estar relacionadas a esse adoecimento, e até onde esse adoecimento tem ido. As perguntas foram de forma aberta.

O encontro com os estudantes foi feito em dois momentos: O primeiro momento o pesquisador foi até as 5 turmas (quatro do turno matutino e uma do turno vespertino) para entregar os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e apresentar o projeto de modo a explicar seus objetivos, ideias e qual era a importância dos mesmo para a pesquisa. No segundo momento então o pesquisador retorna e aqueles que decidiram participar e entregaram seus termos assinado pelos pais e/ou responsáveis, puderam de forma voluntária preencher o questionário. Após a aplicação do questionário com todas as turmas envolvidas na pesquisa foi feito um levantamento dos dados obtidos e uma tabulação de cada questão de modo a otimizar as informações coletadas, sendo segregados e destacados os comentários mais pertinentes e mais representativos.

Para análise de dados, foi utilizado a metodologia de análise de conteúdo para se trabalhar em cima das respostas trazidas pelos estudantes. Para Bardin (2011) análise de conteúdo seria:

“...um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

Com base nessa metodologia, foi se objetivando identificar padrões e situações mais presentes e emergentes na escola pensando em levantar uma discussão sobre a problemática pensada para a pesquisa. A pesquisa foi

submetida a validação ética, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Hospital Regional Hans Dieter Schmidt, sob a CAAE:45870721.8.0000.5363.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### Perfil dos estudantes

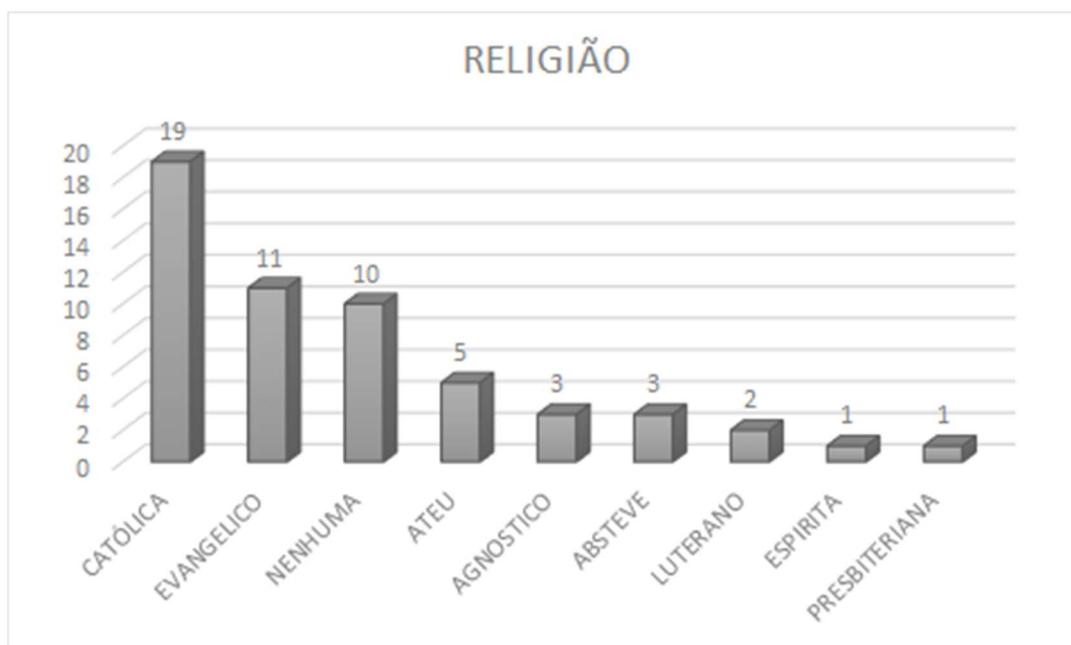
Foram convidados a participar da pesquisa os estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola de Joinville. Foi apresentado aos estudantes as propostas e os objetivos da pesquisa e assim, foram convidados a participarem da mesma, sob autorização de seus pais e/ou responsáveis, nos casos dos menores de idade, sendo de forma voluntária sendo protegido sua identidade durante todo o processo, podendo assim, se obter um resultado mais coeso e assertivo diante do esperado. No fim, 55 estudantes participaram da pesquisa.

O perfil encontrado dentro da escola foi de uma faixa etária entre 17 a 22 anos, destes, 29 são menores de idade e tiveram que apresentar o Termo de assentimento assinado pelos pais e/ou responsáveis. Devido a essa faixa, 21 já estão inseridos no mercado de trabalho e 34 ainda somente estudam. Em sua maioria se auto identificam de como brancos, 43, tendo 4 negros e 7 pardos.

Quanto ao gênero, 20 participantes se identificam como gênero masculino e 35 do gênero feminino. Já sobre suas orientações sexuais, 38 estudantes se identificaram como heterossexual, 12 como bissexuais, e 4 em questionamento, não conseguindo ainda se “encaixar” em uma das nomenclaturas, nenhuma estudante se identifica como homossexual.

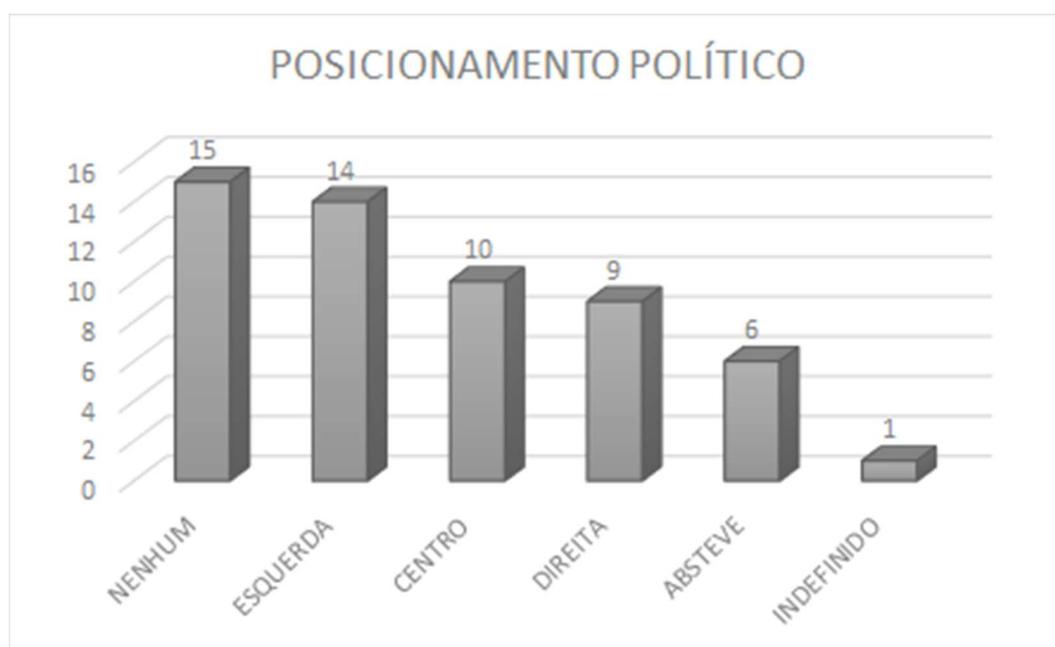
As questões sobre religião e posicionamento político foram as que mais tiveram diferenças apontadas entre eles e essa diferença apareceu posteriormente nos sentidos que atribuíram as experiências de violência simbólica vivenciadas no cotidiano escolar.

Figura 1 - Gráfico da religião apontada pelos estudantes



Fonte: dos autores.

Figura 2 - Gráfico do posicionamento político dos estudantes



Fonte: dos autores.

A pluralidade encontrada nas falas sobre religião e política, criam atritos e situações vividas dentro do cotidiano escolar que despertam mal-estar e até mesmo discussões sobre o mesmo, como será visto posteriormente. Esses atritos

são o reflexo da sociedade em que estão estabelecidos e vivem esses adolescentes. Num país dividido politicamente e que a religião é uma de suas bases estruturais, observa-se a escola como um reflexo disso, onde aqueles indivíduos que apresentam um pensamento divergente de sua maioria, tendem a ter dificuldade em se posicionar e se fazer ser ouvido e respeitado com seus posicionamentos. Ademais, a escola é um local, onde os estudantes são convidados a serem críticos e a se posicionarem diante desses assuntos, muitas vezes, esse olhar mais crítico vai em confronto com suas convicções, fé e criação, causando estranhamento aos envolvidos.

## **AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

A violência simbólica tem como diferencial marcante em sua concepção, o fato de que em muitos dos casos as vítimas e seus “agressores” não se dão conta do ato que está ocorrendo naquele momento.

“A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, a dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumento de conhecimento compartilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação” (BOURDIEU, 1997, p. 206-207)

A concepção de que a violência vai além de um ato físico, e que as marcas deixadas no âmbito psicoemocional podem ser tão graves quanto no âmbito físico, é de extrema importância para que se possa entender os atos cometidos também sejam entendidos como violência. Essa violência pode se iniciar num ato de importunar alguém, se apresentando de várias formas, de várias “faces”, podendo ser perseguindo sobre questões estéticas (corpo, etnias, vestimentas),

sexualidade, religião, orientação sexual. Esse olhar sobre violência foi observada nas falas dos estudantes:

“... já coagi alguém, no quinto ano eu falei para uma menina que o trabalho dela estava feio na frente de todo mundo, ela chorou muito, eu me arrependo até hoje disso” Aluno 40

“Sim, perseguia uma menina no WhatsApp. Tirava sarro do cabelo dela, das roupas. Da falta de inteligência (suposta).” Aluno 45

“... no 2º do médio eu sofri bullying com uma foto **eu foi** espalhada com mentiras sobre mim, deu um rolo na direção...” Aluno 19

Na fala trazida pelos estudantes, pode-se observar que a perseguição iniciada dentro da sala de aula, está invadindo a vida privada desses jovens e isso vem sendo ampliado devido às facilidades oferecidas pelas redes sociais. Schreiber e Antunes (2015) apontam que “(...) assim como no *bullying* presencial, os tipos de *cyberbullying*, visam à exclusão e humilhação da vítima, de modo que os dois fenômenos apresentam características semelhantes (...)” essa nova modalidade tem possibilidade de deixar marcas tão profundas como o próprio bullying. Segundo Ferreira e Deslandes (2017) o Cyberbullying pode ser identificado como “atos de violência psicológica e sistemática contra crianças e adolescentes perpetrados nas ambiências das redes de sociabilidade digital, podendo ocorrer a qualquer momento e sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente”. Essa prática tem cada vez mais se observado dentro dos espaços de convívio social frequentado por esse público, incluindo as escolas.

Esse novo espaço, onde não há uma responsabilidade sobre suas falas e escritas, têm aumentado as práticas de violência simbólica, oferecido pelo anonimato, que como lembrado por Piaia, Ritter e Sangoi (2018, p.3)

“publicações anônimas e a ocultação por trás de identidades *on line* são fatores que podem ser traduzidos na confiança do agente de que não haverá confronto físico com a vítima”, assim, os agressores crêem que a internet é uma terra “sem lei”, devido ao fato de sua não exposição como também reforçado pelos autores “o anonimato do cyberbullying favorece a sua ação, na medida em que os haters não estão submetidos ao julgamento direto, em face da ausência de exposição física a sua vítima, ou seja, estão protegidos pelo anonimato” (PIAIA, RITTER E SANGOI, 2018, p. 9)

Somos seres únicos e com características únicas. No entanto, a sociedade em que vivemos tem a cultura de se criar padrões estéticos as quais são configurados em busca de um “corpo perfeito”, “aos óbices do “corpo perfeito” prosperou no mundo contemporâneo um imaginário social que através da tecnologia nada mais é impossível ou inalcançável” (COSTA E GERVASONI, 2015 p.7). Aqueles que não se encaixam nesse padrão, então são perseguidos, ridicularizados e oprimidos. Pode-se observar essas situações nas falas encontradas na pesquisa,

“Fui vítima de brincadeiras desde criança devido ao excesso de peso. Acabei ficando com paranoias com meu corpo na adolescência” Aluno 31

“Por eu ter problemas com bulimia e baixa-estima e ficar dias sem comer, às vezes as pessoas tentam me forçar a comer ou ficam me elogiando pelo qual eu não gosto” Aluno 42

“Já falaram que eu sujaria as coisas ao encostar por conta da minha cor, me chamavam de magrela e sem bunda, perna fina, bicho pau...” Aluno 47

A sexualidade e o corpo que está em desenvolvimento é algo que sempre se apresenta como tabu em conversas com grupos de adolescentes. Trabalhar essa temática, é uma situação difícil, que requer muitos cuidados, pois os

mesmos, ainda se encontram em um processo de descoberta acerca da relação com a sexualidade e o próprio corpo.. Macedo e Almeida (2019):

“Isso instaura um descompasso, um sentimento de discordância em relação ao corpo próprio. Originado da amarração imagética e simbólica, perpassado e constituído pelo olhar do outro, esse corpo jamais é totalmente conhecido. Além das mudanças que se dão em decorrência do real da carne, o sujeito se vê também diante da incidência de novas imagens e significantes que o capturam”

Falar do corpo e suas mudanças para o público jovem é uma tarefa complicada, visto que, estão passando por isso e muitas vezes se sentem desconfortáveis com isso. Outro ponto de bastante zelo é sobre o respeito com o corpo do outro, em razão que, ainda é uma temática polêmica e mas que se faz necessário se trabalhar nesses espaços, como observado nas falas dos estudantes:

“ Eu tinha 14 anos quando um colega de sala ofereceu pagar para ter relações comigo, além de me seguir até o terminal após a aula...Sempre sofri com piadas com a sexualização extrema do meu corpo desde meus 11 anos. Nunca fiz piadas intencionais ou pejorativas sobre isso”  
Aluno 22

“Já tocaram em uma região íntima minha sem permissão, no fundamental entre o primeiro e quarto ano (não me lembro exatamente), por uma garota da minha classe enquanto brincávamos, no momento de apalpou e achei estranho, com o tempo fui entendendo o que aconteceu, não me afeta, mas me marcou” Aluno 46

“Já, no 6º ano fui empurrada até a parte de trás da quadra por 3 meninos e fui obrigada a beijar um menino que gostava de mim quando eu não queria” Aluno 19

Diante do apresentado, pode-se observar que o assédio sexual está presente até mesmo na escola que deveria ser um local seguro aos jovens. Entendendo assédio sexual sendo

“...constituído por um comportamento indesejado, de cunho sexual, podendo ocorrer na forma verbal, não verbal, virtual ou física, que tem por objetivo ou mesmo por efeito perturbar ou constranger a pessoa assediada; tem por consequência afetar sua dignidade, criando um ambiente intimidativo, degradante, que humilha e desestabiliza o sujeito” (COMISSÃO PARA IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO E PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, 2017),

Esse tipo de comportamento tem se estabelecido nos espaços e são os casos mais difíceis de a vítima falar sobre. Na pesquisa realizada dos participantes, 13 apontaram que sofreram algum tipo de assédio sexual dentro da escola, surpreendentemente, 5 desses são do sexo masculino. Esse número apresenta um dado surpreendente, devido a não visualização do corpo masculino sofrendo esse tipo de violência “a cultura machista também os afeta de forma a silenciá-los, resultando na subnotificação da violência sexual contra os meninos” (ROSA E SOUZA, 2020 P.148-149). A cultura machista impregnada na sociedade, não aceita ver o homem como uma possível vítima de um assédio sexual.

Ainda se tem na nossa cultura uma sexualização do corpo feminino e por isso o homem acredita ter o direito de possuir ou tocar o corpo feminino, tendo a convicção de que tem por direito um poder sobre as mulheres. Esse pensamento está tão impregnado na cultura em nossa sociedade, que muitas mulheres são assediadas diariamente e não percebem que estão passando por essa situação, taxando como “brincadeiras” ou atos normais, e quando as mesmas são violentadas são apontadas como culpadas.

Vivemos no país que mais mata LGBTQIA+ no mundo, segundo Grupo Gay da Bahia, no ano de 2020 foram 237 LGBTQIA+ mortos no país. Isso é fruto das desinformações e preconceitos estruturados nas raízes da sociedade brasileira. Isso reflete diretamente na visão pessoal do sujeito de se entender quanto à pessoa e sua orientação sexual, dificultando os adolescentes principalmente, se entenderem e se desenvolverem como sujeitos. Falar sobre sua orientação e se orgulhar se apresentando como é, é uma tarefa difícil conforme relatado pelos estudantes,

“Eu nunca fui diretamente, mas eu sinto que as pessoas acham que eu sou gay mesmo eu falando que não” Aluno 14

“Já fui atacada, por ser bissexual. Homens acham que podem se incluir no meu relacionamento” Aluno 24

Os dados encontrados mostram que as meninas têm apresentando uma maior flexibilidade de se descobrir sexualmente, tendo muitas durante esse período da sua vida se entendendo como bissexuais. Também se tem como um ponto interessante que alguns ainda não conseguiram se entender ou de alguma forma não conseguem se categorizar dentro das nomenclaturas utilizadas, isso é observado quando 4 dos entrevistados apontam que estão em questionamento sobre sua orientação sexual. A homossexualidade, é vista como algo errado, até mesmo um pecado na ótica da religião, fazendo com que aqueles que seguem uma fé, tenham em sua doutrinação, a concepção de errado. Segundo Silva (2018), isso ocorre como devido a situação da exclusão ao grupo LGBTQIA+ nos espaços religiosos, devido aos discursos preconceituosos direcionados relacionado a essa categoria, e a divulgação desses discursos à toda a sociedade, na tentativa de fundamentar superioridade dos “normais” aos que são por eles vistos como “pecadores”. Podendo essa ser uma justificativa para a ausência de estudantes se identificando como homossexual, em uma

amostra tão grande como a analisada, onde se a religião se mostrou tão presente entre eles.

Quando entramos no campo da religião, foi encontrado uma predominância do cristianismo. Bourdieu (2012) apresenta a religião como um “universo simbólico” que tem como função na sociedade de garantir a permanência e dominação entre as classes, sendo ela também uma produtora de “violência simbólica”. Seguindo o perfil da população brasileira, as religiões cristãs, têm sua maioria dentro do grupo, somando 33 estudantes. Porém, um dado que se pode observar é um aumento dos estudantes que se apresentam como sem nenhuma religião, não se entendendo nem mesmo como ateus, mostrando uma mudança significativa da nova geração, da importância que a religião tem em sua construção como sujeito. Foi encontrado na coleta de dados dos estudantes, uma resistência em se falar de religião, alegado pelos mesmos, como um ponto que não se era respeitado e motivos de brincadeiras ofensivas entre e alguns, fazendo com que assim não se sintam confortáveis em falar sobre esse tema.

Outra temática em que foi encontrada bastante resistência dos participantes a ser falado e trabalhado foi sobre posicionamento político. O cenário político brasileiro na atualidade proporciona essa dificuldade em se ter uma discussão política saudável dentro da escola. O bipartidarismo e os extremismos apresentados por alguns políticos e seus seguidores, faz se tornar um tabu e um ponto problemático falar sobre política dentro da escola. Bourdieu (2014) afirma que “o campo político é o lugar por excelência de exercício do capital simbólico: é um lugar em que existir, ser, é ser percebido”, isso reflete nas convicções políticas e no modo de se trabalhar essa política. A política é um espaço onde o simbólico se faz presente e ativo. Os dados encontrados nas falas dos estudantes, se observa um certo equilíbrio entre os posicionamentos políticos, sendo 14 se identificando como de esquerda, 10 de centro e 9 de direita, mas ainda mais um grande valor (15) com nenhum posicionamento ainda. Nos apontamentos trazidos pelos estudantes se

observou que aqueles que se posicionam politicamente são de alguma forma, censurados e perseguidos,

“... por apoiar um lado político oposto às outras pessoas (alunos e professores). Pessoas que ao defender a “paz e democracia”, atacam com ofensas quem pensa o contrário e apoia isso” Aluno 21

“Sim, professora manipulando notas por causa de visões políticas diferentes” Aluno 6

O professor tem um papel fundamental na vida do jovem durante a sua formação, ele é o seu referencial muitas vezes de adulto, e pode ser aquele que vai impulsionar o adolescente para procurar e trabalhar em seu desenvolvimento futuro e profissional. Porém, o professor pode ser também aquele que de alguma forma vai violentar esse adolescente, marcando com cicatrizes que irão para sempre com ele. Muitas vezes essas marcas são dadas em situações rotineiras, onde o professores agem de uma forma que põe esse aluno numa situação constrangedora,

“Sim, um professor me humilhava por respostas erradas sobre o conteúdo (erros acontecem com todos, estamos na escola para aprender)” Aluno 18

“Sim, uma vez eu havia tirado uma nota baixa em relação aos meus colegas e minha professora falou a minha nota em frente de todos” Aluno 36

Porém, o que foi trazido pelas falas dos estudantes de forma preocupante, é que muitos se sentiram e apontam que foram assediados sexualmente pelos seus professores. Esse tipo de comportamento pode causar sintomas preocupantes para saúde mental dos adolescentes e de alguma forma que se sintam inseguros dentro da sala de aula,

“Um professor já ficou encarando meus peitos uma vez quando eu fui de cropped pra escola no 1º do médio, mais pro meio do ano ele assediou verbalmente uma menina e foi expulso” Aluno 19

“Sim, no ensino fundamental II, tinha um professor que fazia a assédio sexual, que tanto em mim, quanto outras garotas ele ameaçava de bater na coxa e na bunda” Aluno 42

“Sim, um professor sempre que me via cantava músicas românticas para mim ou vinha me abraçar, outro professor dava tapas no meu braço para responder uma questão que ele estava me ensinando e fazia piadas” Aluno 47

As falas trazidas pelos estudantes trazem dados preocupantes das situações e vivências realizadas no âmbito escolar e como as mesmas muitas vezes vem com uma prática de uma violência simbólica enraizada, porém, mascaradas nos discursos. Algumas dessas situações podem ser tão marcantes e traumáticas aos adolescentes que podem ocasionar um adoecimento mental.

## **A SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES**

A saúde mental dos adolescentes vem sendo um dos temas que mais tem preocupado os governos mundiais e a OMS. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), as condições envolvendo saúde mental nos jovens começam em torno dos 14 anos de idade, e em sua maioria não é acompanhada nem tratada. A depressão é uma das principais doenças no mundo afetando os adolescentes, sendo o suicídio a terceira principal causa da morte entre os adolescentes.

Durante a coleta de dados, na terceira parte, buscou-se compreender o estado de saúde mental dos estudantes participantes. As questões apresentadas, buscavam observar o início de alguns sintomas, apresentados pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5.<sup>a</sup> edição (DSM-V), como característicos de um adoecimento, como: insônias, falta de ar, oscilações de humor, tremedeiras, dores abdominais. Alguns dados levantados conforme o quadro 1, trazem presente alguns desses sintomas, que fazem que se fique alerta sobre os mesmos.

Quadro 1: Dados levantados dos sintomas apresentados pelos estudantes

	DIFICULDADE EM DORMIR	APRESENTA CANSAÇO E DESANIMO	CRISES DE ANSIEDADE	FALTA DE AR, TREMEDEREIRAS, DORES ABDOMINAIS
SIM	23	33	37	25
NÃO	19	15	17	27
AS VEZES	11	6	0	2
ABSTEVE	1	1	1	1

Fonte: dos autores.

Com os dados levantados não se pode trazer um diagnóstico sobre a saúde mental dos estudantes, entretanto, são dados importantes para se ficar em estado de alerta e observação sobre os mesmos de modo a prevenir um adoecimento mais sério. Se faz necessário a prática de prevenção, promoção e tratamento sobre a saúde mental. Abreu e Murta (2018) trazem esses conceitos de forma que “A prevenção, complementarmente, teria como objetivo a redução dos riscos de aparecimento de problemas, incluindo os níveis de exposição ao risco (universal, seletiva e indicada), enquanto o tratamento refere-se à assistência àqueles que já apresentam o diagnóstico de um transtorno mental.”

Uma das situações em que os pais e professores precisam ficar sempre atentos aos jovens é o surgimento de hematomas, cortes, machucados, sem uma explicação e de forma constante muitas vezes tentando camuflar. Lopes e Teixeira (2019) nos apresentam a automutilação trazendo que “Na maioria das vezes, os adolescentes que fazem a prática se valem dela como uma tentativa de estabilização, de algo que escapa à sua capacidade de conseguir lidar com os

conflitos”. Podemos relatar essa prática sendo realizada diante das falas trazidas pelos participantes:

“Tenho costume de me socar até ficar roxo” Aluno 22

“Sim, já tentei, como cortes e tentativa de suicídio, tinha 20 comprimidos guardados, para caso eu não tenha mais força para lutar” Aluno 42

Na pesquisa realizada, 36 estudantes apontaram que em algum momento já praticaram algum tipo de automutilação contra o seu corpo. Esse número é alarmante, mostrando que há um enfraquecimento mental desses estudantes e uma necessidade de serem ouvidos. Lopes e Teixeira (2019, p.2) nos chamam atenção que “É bem verdade que devemos ficar alertas para esse tipo de comportamento, pois, ao mesmo tempo em que a automutilação é uma forma de estabilização, pode ser que pela repetição o sujeito se fixe na pulsão de morte e ocorra o suicídio consumado.”

A morte tem diversos significados em cada cultura pelo mundo, e em cada etapa do desenvolvimento que o ser humano se encontra. Durante a adolescência, muitas vezes a morte é o alívio de uma dor intensa que não passa, o descanso de uma batalha que vem travando diariamente. A ideação suicida no adolescente torna-se patológica quando a intensidade e recorrência desses pensamentos aumentam, fazendo com que o indivíduo veja o suicídio como a única saída para suas perturbações (SOSTER *et al.* 2021, p.2). Essa ideação suicida foi encontrada no relato dos estudantes quando perguntado se já tiveram pensamentos em se suicidar:

“Tentei em 2017 por overdose” Aluno 22

“Sim, várias vezes, semana passada tentei” Aluno 28

“Todos os dias a cada segundo que passa” Aluno 42

Esses relatos trazem um sentimento de finitude presente na vida desses adolescentes. Eles trazem um olhar de solidão e desamparo, perdidos entre o mundo da infância e dos adultos, e no meio disso tudo tentando se descobrir e entender como indivíduo. 31. Esse é o número de participantes que apontam que ou já pensaram ou até mesmo já tentaram a prática do suicídio, isso corresponde a quase 57% dos participantes da pesquisa, algumas vezes o motivo dessa ideação nem é compreensível para eles mesmo, algumas vezes existe uma busca por um conhecimento de algo que eles não sabem ainda o que procuram, como encontrado nos relatos abaixo.

“Já, porém não foi por odiar minha vida ou querer morrer, mas sim pela curiosidade em saber o que há depois da morte” Aluno 1

“Já pensei que não me importaria de não acordar no dia seguinte mas nunca fiz nada fisicamente” Aluno 18

O sentimento de exclusão, o sentimento de solidão, de não se encaixar em local algum, em grupo algum, é uma das principais queixas apresentadas pelos entrevistados e é vista como um dos principais “gatilhos” para essas ideações suicidas. Esse sentimento fica impregnado nos adolescentes e acabam gerando sintomas que foram apresentados pelos participantes, podendo ser visto nos discursos deles.

“Sim, em alguns momentos não compreendida e quase sempre excluída” Aluno 32

“Já me senti excluída e me sinto todos os dias, principalmente excluída por mim mesma, pois não me sinto pertencente a nada e não sentir que mereço estar nos lugares seja qual ele for” Aluno 16

“Sim, na minha antiga escola todas as gurias me excluíram, e nessa época comecei a ter depressão e tive que sair da escola, e depois de um tempo descobri que estavam fazendo boatos sobre mim.” Aluno 28

O cuidado com a saúde mental é importante para todos. Porém, a adolescência é um momento de extrema importância na realização desse cuidado. A adolescência é o momento em que o indivíduo está passando por diversas mudanças, sejam elas fisiológicas ou psicológicas, está se entendendo como pessoa e buscando conhecer a si próprio e o seu lugar no mundo. É uma etapa da vida que vem muitas cobranças da sociedade, dos pais, da escola e deles mesmos, e é natural no meio disso tudo precisar de ajuda e ter esse cuidado com sua saúde. Dos entrevistados somente 9 apontaram que em algum momento já fizeram terapia, muitos mal sabem o que se faz em uma terapia, porém, alguns relatam que até gostariam, mas não fizeram ainda. Muitos já tomam medicamentos desde a infância, sem um diagnóstico detalhado e preciso.

Diante de todo o cenário apresentado pelas falas dos estudantes, é apresentado a importância da figura do psicólogo dentro do ambiente escolar. Santos e Gonçalves (2016) traz o papel do psicólogo no contexto escolar como uma prática que leva a uma reflexão crítica sobre a realidade vivida na escola, envolvendo todos integrantes, docentes e discentes, conhecendo todas as demandas e as vivências desses estudantes, principalmente direto do discurso deles. Dar voz a esses estudantes e criar um espaço seguro para trabalhar suas inseguranças, medos e anseios que já envolvem esse processo de educação, se faz necessário cada vez mais. O psicólogo escolar deve estar sempre atento a todas as demonstrações de convívio no ambiente escolar, buscando sempre produzir um espaço seguro, acolhedor, buscando sempre trabalhar nos

“aspectos que digam respeito aos processos de desenvolvimento humano, de aprendizagem e das relações interpessoais.” (SANTOS E GONÇALVES, 2016 p.15).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa foi realizada teve como objetivo identificar a violência simbólica nas escolas de ensino médio da cidade de Joinville e o estado da saúde mental dos jovens. A busca pelo resultado foi realizada por meio do questionário, respondido voluntariamente pelos estudantes do ensino médio de uma escola da cidade de Joinville. Essa pesquisa terá uma forte contribuição inicialmente para a própria escola, bem como trazer para discussão acerca das práticas de violência simbólicas dentro das escolas e também o estado de saúde mental desses estudantes, abrindo assim, espaços para novas pesquisas sobre essa temática tão atual e necessária. Esse olhar se faz necessário e importante diante dos casos revelados, fazendo com que a escola possa se estruturar e organizar de modo a acolher e trabalhar essas questões com seus estudantes. Os estudantes falaram, cabe agora aqueles que devem ouvir e os acolher. Outro ponto a considerar sobre a presente pesquisa é a falta de material regional sobre o assunto, por mais que as práticas de violência simbólica sejam amplamente discutidas no mundo.

A pesquisa em questão teve algumas limitações em seu processo. No ano de sua realização (2021) o mundo ainda estava passando pelo momento pandêmico devido ao vírus do SARS-CoV-19, onde as aulas estavam em sua maioria ocorrendo de forma remota, os acessos restritos. O mundo estava aprendendo a viver com esse novo cenário global, e as escolas não estavam muito diferentes também. Portanto houveram algumas dificuldades durante a busca por aceitação do projeto por parte de algumas escolas, tendo-se aprovação de apenas uma. Diante disso, os dados levantados se apresentam como uma amostra pequena, não podendo assim ser generalizados. Outro limitante da

pesquisa foi a questão da idade dos entrevistados, por serem adolescentes muitos ainda não tinham a maior idade, e assim, se fez necessário a autorização dos pais para a participação e alguns não a tiveram, e gostariam de participar da pesquisa, porém, devido a essa falta não foi possível.

Perante o exposto, conclui-se que a pesquisa apresentada pode ser entendida como o início de um olhar sobre a saúde mental dos adolescentes dentro da escola, e como as mesmas podem estar de alguma forma envolvidas nesse processo de adoecimento. se faz necessário compreender ainda mais o olhar sobre esse grupo, buscando sempre o amparo e a escuta aos mesmos, podendo assim, de alguma forma se produzir intervenções de modo que possa contribuir para o bem estar psicoemocional desses jovens, fortalecendo assim a importância da psicologia dentro do ambiente escolar, criando um espaço seguro para se trabalhar as questões apresentadas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Samia e MURTA, Sheila G. **A Pesquisa em Prevenção em Saúde Mental no Brasil: A Perspectiva de Especialistas**. Psicologia Clínica e Cultura 2018. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/n3DDsPGBQVyK8nGSv8yYyfd/?lang=pt>>
- BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. (2011)
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- BRASIL, Ministério da educação. **Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação**. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=Um%20em%20cada%20dez%20estudantes,de%20Estudantes%20\(Pisa\)%202015](http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=Um%20em%20cada%20dez%20estudantes,de%20Estudantes%20(Pisa)%202015)>

COMISSÃO para igualdade no trabalho e no emprego. **Conceito de Assédio Sexual**. Disponível em: <<http://gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>>

CORTES, Helena M. *et al.* **Sexualidade e Religiosidade: uma revisão integrativa de literatura**. v. 10, n. 2, Research, Society and Development. 2021. Disponível em <[https://redib.org/Record/oai\\_articulo3082665-sexualidade-e-religiosidade-uma-revis%C3%A3o-integrativa-de-literatura](https://redib.org/Record/oai_articulo3082665-sexualidade-e-religiosidade-uma-revis%C3%A3o-integrativa-de-literatura)>

COSTA, Marli M. M. e GERVASONI, Tamires A. **EFEITOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CULTO AO CORPO PERFEITO ENQUANTO VIOLÊNCIA ESTÉTICA: ANÁLISE DE ALGUNS CASOS**. 2015. Disponível em <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/13160/2351>>

FERREIRA, Taiza R. de S. C. e DESLANDES, Suely F. **Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde**. Ciência e saúde coletiva, Out 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/WJYc64dg9Rjxh8k4rJc53gL/?lang=pt>>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002 OPAS. Organização Pan- Americana de Saúde. Informativo sobre suicídio. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>

GUIMARÃES, Ludmila de V. M. *et al.* **ASSÉDIO NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UMA POSSIBILIDADE DE MANIFESTAÇÃO PERVERSA**. vol.16 no.1 Rev. Subj:Fortaleza abr. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100005)>

JUBÉ, Milene de O. M. R., CAVALCANTI, Cláudia V. CASTRO, Cláudia M, J. **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM ESCOLA CONTEMPORÂNEA**. I Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar:Mineiros-GO junho 2016. Disponível em: <<https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/coloquio/article/view/68>>

LOPES, Lorena da S. e TEIXEIRA, Leônia C. **Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar**. Vol.24 no.2 Estilos clínicos: São Paulo maio/ago. 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282019000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200010)>

OPAS, Organização Pan-Americana de saúde. **Saúde mental dos adolescentes**. Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>>

PATTO, Maria H.S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 2015.

PIAIA, Thami C., RITTER, Letícia M. e SANGOI, Rafael M. **LIBERDADE DE EXPRESSÃO PUBLICADA VERSUS ANONIMATO: A (IR)RESPONSABILIZAÇÃO NO CYBERBULLYING**. v.13, n.2 Revista

Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, 2018. Disponível em:  
<[www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica)>

POPULAR, O. 46,4% dos jovens já sofreram assédio sexual na escola , 2017, Disponível em:  
<<https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/comportamento/46-4-dos-jovens-j%C3%A1-sofreram-ass%C3%A9dio-sexual-na-escola-1.1261415>>

ROSA, Cristiano E., SOUZA, Jane F. **Violência/Abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate.** vol. 25, n. 2, São Luís: Pesquisa em Foco, p. 144-167. Jul./Dez. 2020.

SALES, Samantha M. e FILHO, Vicente A. A. **SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA.** Psicologia.pt 2020. Disponível em:  
<<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0478.pdf>>

SILVA, Bárbara A. **O discurso da inclusão: Uma análise argumentativa do discurso religioso de uma igreja inclusiva.** Vol.: 12; n°. 01, Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, 2018. Disponível em  
<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/4454>>

SANTOS, Jeovane V. e GONÇALVES, Charlisson M. **PSICOLOGIA EDUCACIONAL: IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NA ESCOLA.** 2016. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>

SCHEIBER, Fernando C. de C. e ANTUNES, Maria C. **Cyberbullying: do virtual ao psicológico.** vol.35 no.88 Bol. - Acad. Paul. Psicol. São Paulo. jan. 2015. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2015000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008)>

SOSTER, F. *et al.* **Ideação suicida, tentativa de suicídio ou suicídio em adolescentes: revisão narrativa,** v. 10, n. 2, Research, Society and Development, 2021. Disponível em  
<[https://redib.org/Record/oai\\_articulo3091954-idea%C3%A7%C3%A3o-suicida-tentativa-de-suic%C3%ADdio-ou-suic%C3%ADdio-em-adolescentes-revis%C3%A3o-narrativa](https://redib.org/Record/oai_articulo3091954-idea%C3%A7%C3%A3o-suicida-tentativa-de-suic%C3%ADdio-ou-suic%C3%ADdio-em-adolescentes-revis%C3%A3o-narrativa)>.

### Alysson Pereira

Graduado em Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala. E-mail: alyssonluispereira@gmail.com.

### Emanuely Zelir Pereira da Silva

Doutoranda e Mestre em Psicologia pela UFSC (2019). Possui graduação em Psicologia pela Associação Catarinense de Ensino (FGG) e especialização em Terapia Cognitivo - comportamental pelo Instituto Catarinense de Terapias Cognitivas (ICTC). Atualmente é professora associada ao Departamento de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala e Unisociesc. E-mail: emanuely.silva@fgg.edu.br.

**Recebido em 8 de dezembro de 2021.**

**Aceito em 22 de abril de 2022.**

